



ring e, provavelmente, no lado asiático que a cultura esquimó evoluiu. Existe uma grande controvérsia, mas a evidência parece ser muito mais a favor da teoria do Estreito de Bering do que da primeira corrente.

Na grande maioria do Ártico canadense, quatro principais culturas esquimós foram separadas, sendo a última a do povo moderno, os esquimós que lá vivem hoje em dia. Oitocentos ou novecentos anos atrás o povo, chamado pelos arqueólogos de *Thule*, pois sua identificação se deu através de escavações na área de Thule, na Groenlândia, espalhou-se do Alaska pelo norte canadense e depois para a Groenlândia. Vivia exclusivamente dos animais marinhos e construía casas de pedras. Há alguns anos era considerado um povo diferente dos atuais esquimós, mas atualmente o conceito que se tem é outro, ou seja, de que os esquimós canadenses são descendentes diretos do povo de Thule.

Há aproximadamente 1.000 anos, o povo de Thule parece ter substituído outro povo chamado *Dorset*, porque sua cultura foi inicialmente identificada por exemplares recolhidos em Cape Dorset. Traços da presença do povo de Dorset foram encontrados espalhados por todo o Canadá ártico. Seguramente este povo era completamente diferente do povo de Thule, mas pouco se sabe sobre eles e, em particular, não se sabe ainda se sua cultura evoluiu no Canadá ou se eles eram imigrantes na área. Testes com radiocarbono indicam que a civilização dos Dorset se iniciou há uns 2.500 anos. Grande número de lendas esquimós faz menção a um povo estranho chamado de *Tunit* que foi gradualmente desalojado pelos atuais esquimós. E este foi, provavelmente, o povo de Dorset.

História

Quando os vikings descobriram a Groenlândia, no século X, eles não viram um só esquimó, mas acharam sinais da presença de uma civilização anterior. O primeiro contato entre europeus e esquimós

se deu, provavelmente, nos primeiros anos do século XI, quando os vikings estiveram em Labrador e na Ilha de Baffin. Eles guerrearam nestes locais com uma raça a qual chamaram de *skraelings* e que parece ter sido a dos esquimós. A mais próxima notícia que se tem dos esquimós data do século XIV, quando eles imigraram para o sul, na costa da Groenlândia, e lá encontraram colonos europeus. Algum tempo depois o contato entre a Europa e a Groenlândia foi quebrado. Quando reiniciaram a colonização, no final do século XVI, os esquimós já haviam tomado conta da Groenlândia. Certos mistérios envolvem o desaparecimento dos colonos: morreram, foram mortos por esquimós ou piratas, agruparam-se aos esquimós ou, então, retornaram à Europa. Poucas ruínas foram deixadas pelos colonos, que chegaram a ter uma população de 9.000 pessoas, 16 igrejas, um bispado, um monastério e um convento.

O primeiro contato com os esquimós no norte canadense foi feito quando Frobisher descobriu o Canadá ártico, em 1576. Ele encontrou alguns esquimós durante as três viagens que fez, mas seu relacionamento com eles não foi dos melhores. Aprisionaram-no e pegaram alguns de seus homens. Assim, cada lado desenvolveu um sentimento de revolta contra o outro. A Frobisher seguiram-se outros exploradores, muitos dos quais deixaram escrita a dimensão das terras ocupadas pelos esquimós ao final do século XVIII. Mas foi a segunda expedição de Parry — 1821/1823 — que levantou o interesse popular pelos esquimós. Ele passou dois invernos em Foxe Basin, bem no meio do mundo esquimó, e assim pôde contar e escrever sobre a maneira de viver daquele povo.

A influência mais importante na vida dos esquimós durante o século XIX foi dos baleeiros. Havia dois tipos de caçadores de baleias: os escoceses, que normalmente vinham uma vez ao ano e que trabalhavam na Baía de Baffin, e os americanos, que se ocupavam da Baía de Hudson e que não voltavam para casa até que seus navios estivessem cheios de óleo e barbatanas, o que poderia durar até três anos. Os baleeiros, particularmente os que iam para a Baía de Hudson, conviviam com os esquimós usando-os como parte da tripulação de seus barcos. Os esquimós devem ter sofrido com este contato, principalmente pelas doenças que foram le-

vadas até eles, mas também aprenderam muita coisa útil. Ao mesmo tempo esses baleeiros arrasaram os animais marinhos e a indústria baleeira começou o seu declínio no início deste século, sendo posteriormente trocada pelo comércio de peles.

A vida dos esquimós sofreu uma radical mudança: sempre caçaram o estritamente necessário à subsistência. Depois de conhecerem o branco, porém, passaram a caçar de armadilha, principalmente raposas, para trocar suas peles pelos produtos oferecidos pelos civilizados. Esta mudança, entretanto, não teve efeitos radicais em seus costumes e na sua organização social. Foi apenas a partir da II Guerra Mundial que a força da civilização começou a ser sentida.

Muitas mudanças ocorreram no norte do país nestes últimos anos. Atividades de segurança nacional, tais como estações de radar e campos de pouso, foram seguidas por exploração de minério. Escolas, hospitais e casas de madeira foram introduzidas em suas vidas. Os es-



quimós foram levados a se mudar de suas tendas e dos seus campos de caça para novas comunidades que surgiam. Essas rápidas transformações causaram sérias deformações em seu modo social, econômico e intelectual, levados a conviver em situações diferentes de seus padrões. O tempo de uma nova adaptação é difícil, mas como souberam sobreviver no Ártico também conseguirão sair das novas pressões que sofrem atualmente. E uma nova cultura esquimó evoluirá desta nova vida, imposta por condições que a razão deles desconhece.